

A ESFINGE OU A MULHER ORÁCULO



SIMONE ANDRÉ

SOUL DE PALAVRA

Copyright © 2025 Simone R B André. Todos os direitos reservados. A propriedade intelectual desta obra literária de ficção está assegurada ao autor pela Lei Federal nº 9.610/1998. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, comercializada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma e meio, seja eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a expressa autorização do autor, titular dos respectivos direitos autorais. Simone R. B. André – Paraty – RJ – simoneandre.com

**Este é um pré-texto para o
romance:
“Desabafo
ou Atualização de Flor”**

A Esfinge ou a mulher oráculo

Tudo que era desconhecido perguntava-se ao oráculo. Não saberiam dizer ao certo se o que acreditavam ali naquele povoado era o oráculo que dizia, ou se era a Mulher Esfinge, fonte por onde jorravam ecos das falas e dos pensamentos dos moradores. “Decifra-me ou te devoro” seria dito pela Esfinge, se esse lugarejo estivesse localizado na antiga Grécia. Oráculo daqui buscava as respostas nos sonhos sonhados pela Mulher Esfinge e muitos sonhos eram encorpados por imagens e sensações, - dormindo ou acordados - dos moradores locais, entrelaçavam-se ao etéreo e geravam a manifestação no espaço daquela paisagem formada na mente.

Sopros, sons, ventania. Movimento, balanço, folhas soltas das árvores. Era um bailado sem peso da gravidade. Começavam a surgir as imagens. Ela, em meio ao apito agudo do vento que batia na pedra, iniciava as suas visões.

Movimento de ondas e turbilhão de pensamento, uma imagem se forma em ideia, como nuvem se desfaz antes de anunciá-la. Outra imagem de um buraco, localizado na... Na pedra, ao que parece. Não decifra muito bem, pensa ser um buraco negro das estrelas, mais tarde, identifica na paisagem que fora visitar o buraco das araras como que entalhado na pedra, pedindo para que seja então decifrado. Porque aquela paisagem desconhecida veio visitá-la em pensamento? Quem a invocou? E anuncia mais uma entrega pela voz até que as palavras signifiquem também ao povo do lugarejo.

E, se as ondas do mar não tivessem o ritmo que conta em preencher o interno, revolver e liquidificar os fluxos, e devolver à areia em um pequeno pensamento, ela não teria visto o que vira em sonho? Sonho tinha sido seu maior oráculo desde então. Era onde as imagens vistas ocupavam outro lugar, diferente das imagens que via de fora. Mas era preciso reconhecer e identificar o que cada uma trazia consigo de verdade ou de imagens

sobrepostas. Chamava assim àquelas cujas paisagens se desenhavam em sua mente repetindo algo que vira ou ouvira durante o dia. “Importante também reconhecer”, dizia, “O que vinha de repetição toma espaços da razão.”

Andava procurando entre mãos as mesmas mensagens que já foram entregues em cartas escritas. Encontrava no tato, o baralho tarô que lhe diria de que feito aquele dia seria, para desdizer a cada um, consulente de futuros, outras miragens do que as moldadas pelas massas. Mais escassos se tornavam consulentes atentos. Mais tempo passavam noutro oráculo que lançava imagens no ar líquido, sem voz presente, mais internos tornavam-se os pensamentos, sem o ajuste sólido dos órgãos dos sentidos, um tanto de tédio para revirar imagens, ouvidos de silenciamentos sintonizados no dentro do objeto de fora, olfato e paladar subjugados a imagens que satisfaziam aos olhos, mas ao corpo, não.

O Alquimista, uma figura, uma imagem centenária que resistiu a tantas personalidades e chega até o presente como um arquétipo, um tipo de personalidade, jeito ou ofício. Guarda trejeitos antigos ao olhar com calma o que sobrou do desenho. Desenho quase rupestre de agora, não é feito na rocha, à mão e a tinta. No papel, o caminho que o homem traçou refazendo a natureza já era indício desse personagem: a alquimista. Quais escombros em tracejados pontos escondem motivos que o fizeram chegar até aqui?

No afã de saber sobre o futuro, o nome do arcano se transforma em certeza do amanhã. O futuro não é agora, especula os atos, as vestes, os instrumentos e ações daquele passado. Encontra o sentido em uma palavra.

O alquimista que, sozinho, pode, com diferentes propriedades minerais e atômica, gerar encontros entre elementos, forças, química, também pode usar esse poder do conhecimento para curar ou para ferir.

Assim ela fazia análise compondo em diferentes contextos aquele mesmo personagem. Se ele estivesse na era industrial, seria um assalariado? Olha para a sua frente e percebe os traços de quem pergunta ao oráculo de papel e imagens. Se ele é realmente um trabalhador, que pelas suas mãos grossas indica, o trabalho pesado desse alquimista não permite desenvolver o seu conhecimento. Nem tem toda a sua sabedoria nesse trabalho, será que ele sabe? Ressente-se disso? Pensava para si enquanto tirava outra carta. O julgamento.

Balança a cabeça, certa de que...!

Falou apenas: Você não está tão feliz no seu trabalho?

Os olhos dele se encheram. Sem resposta, ele abaixou a cabeça, como se tivesse respondido que sim.

Vendo a carta do Julgamento, ela avançou mais nos seus pensamentos. Ele teria dado esse conhecimento para o empregador dele, que usaria sem se preocupar

em dar uma boa condição de vida a quem partilhou o saber?

Mas a leitora apenas disse: Você não tem dúvidas do seu conhecimento, é o outro que coloca em julgamento. No seu trabalho, sabe demais, mas não pode partilhar, né?

Veio um espanto em seu olhar, como se ela tivesse adivinhado, será que é isso mesmo que ele pensa? Completar o pensamento, dar uma conclusão ao que é sentimento, também é uma espécie de julgamento, o oposto do que fazem os alquimistas. Na condição de conhecedores das substâncias, as que se ligam, as que se detona, o que se mistura e o que não se misturará segue o preceito de que tudo se transforma, e que o melhor de não julgar, apesar de impossível para a condição humana, seria observar e perceber as transformações. O que se adivinha sobre uma sensação que o outro tem, mas respeitando a verossimilhança típica da literatura, é como colocar sabor na boca do outro, onde só havia desejo, o que pode ser gostoso ou causar indigestão.

O outro fica com o gosto de realização daquele desejo que ainda nem fora expresso.

Voltou a olhar a imagem relacionando o agora à sua frente ao que tinha de significados a carta em sua mente. E novamente pensou: se ele estivesse vivendo na mesma geração que Leonardo da Vinci, se resguardaria do conhecimento? Ou do que seria temeroso? E como quem pega uma dessas frases de postagens em rede social, ela lança: “Ninguém questiona preço, quando entende valor.” Silêncio tomou conta do espaço a ponto de se confundirem se a verdade foi mais para ele ou para a esfinge.

Autoridade. Foi a próxima carta. “Autoridades imponham-se aos vossos povos, povos submetam-se às autoridades.” Mirando a questão entre autoridade e julgamento, ela desferiu a frase. Mas dessa vez não teve no rosto à sua frente o consentimento da identificação. A sequência de compreensão que ela seguia criava elos entre as cartas tiradas acima, mas ao chegar na autoridade, palavra que o consulente desconhecia, esbarrou no vazio do seu pensamento.

E novamente conjecturou: se ele viveu em um tempo feudal, venderia essa sabedoria na feira?

Sempre ligando elementos, conforme a figura do alquimista, percebeu que um elo de significâncias precisava se romper, e perceber que autoridade ele teria, mesmo que o julgamento do social não apresentasse esse título, selo, posto ou cargo.

A próxima carta veio em resposta: Autonomia. Mas antes que ela lançasse a palavra certa que desconstruísse por inteiro o entrave do despertencer, de não ter direito a algo, bradou retomando alquimicamente o julgamento à autoria, dando a condição de culpado para aqueles que não são condecorados com títulos de nobreza. Afinal, autoridade tinha em seus elementos de ligação o ideal de autoria, de ser sujeito de ação, sujeito da ação. Mas quando transformado pelo julgamento social do não-ser, é melhor desconsiderar qualquer responsabilidade de ação, para não ser em juízo desqualificado. Para não ser punido, após julgado à

condicional de não poder utilizar o pensamento, a reflexão, o raciocínio como domínio de si.

Quando falou a palavra *autoria*, o seu olhar acendeu, como se buscasse outras imagens que refletissem aquele papel em sua memória. Autoridade e autoria. Palavras como verdade, calamidade, sobriedade e felicidade iam e vinham buscando elementos que ligassem um termo ao sufixo *-idade*. Ela percebia em seu olhar de busca algo, mas não saberia definir tão certa.

E agora? Tornava a realocar em outros contextos, flexionando as características que dava a ele. Se ele vivesse condicionado a outra classe, nomeado com títulos e valores de posses, saberia tudo de combinações químicas? Trabalharia com manipulação, não de dados, mas de remédios? Ou usaria o conhecimento para burlar os órgãos reguladores para ter mais lucro? Limite entre autoridade e autoria estaria desfeito com a certeza de não punição? Seria certo um julgamento burlesco

pelo feito que o colocaria em determinada classe de posses?

Dessa vez voltou-se a ele, unindo as três imagens: alquimista, julgamento e autoridade. São vários os tipos de alquimia que poderia conter a elaboração de algo e a transformação dada por elementos que se combinam ou se repelem. Não esqueçamos que tem sempre quem saiba transformar os componentes, elementos que dividem a energia em átomo, como as ervas, em micropartículas de elementos químicos. Mas para exercício de pensamento ela sabia que também o alquimista poderia, além de julgar ou ser julgado, ter o julgamento transformado, apontando outrem como culpado. Nesse caso, autoridade e autoria estariam lado a lado. Imperador era a carta símbolo de autoridade, mas seria o imperador, dono de um poder que lhe traduzia em autoria para as ações realizadas? Assim como um alquimista? Não, certamente que não. Será que a autoria de algo o imperador confere aos demais, peões, cavaleiros, pajens, para conseguir o feito maior que seus mandos conferem?

Desses pensamentos, algumas palavras soltas pronunciava, enquanto mexia no baralho para retirar nova carta que lhe dissesse sobre o caminho de pensamento que deveria seguir. Enquanto isso, ele olhava curioso, formulando também trajetórias e conceitos a respeito. Olhos. A mulher começou a seguir os indicativos. Ordem dos olhares que partiam dele para as cartas. Sem perceber que ele era naquela situação a autoridade, olhos que recaíram no julgamento foram suficientes para que nela despertassem sentidos diferentes. O alquimista espremido em olhar de tempo rápido, passou à autoridade.

Prontamente, enquanto embaralhava novamente as cartas, refez um pensamento e desfez o bolo de cartas pedindo para que ele as cortasse. O modo e o jeito, acompanhados do último olhar que ele dera à carta do imperador, indicava que não era ele a autoridade. Ou que ao menos se questionava a respeito de ser. Procurava ela mais pistas a serem dadas pelas cartas.

Enquanto ela embaralhava e dispunha as cartas na mesa, podemos nós, leitores terceirizados, compor significados e sentidos dessa cena, que para além da contradição e misteriosa descoberta que existe entre um consulente e uma que desvendará tanto em ajuda ao outro, a respeito de uma situação encoberta, quanto a si mesma sobre o mistério que compreende o outro a sua frente. O consulente querendo saber de si, e a esfinge com autonomia para efabulações que vão além dos valores, títulos e condições que o social dava para o consulente ou o comprador daquela nova visão, nova possibilidade de trajeito, roupas que aquelas cartas dariam e que no seu cotidiano não teriam lugar, a não ser no carnaval.

Para além dessa dosagem de efabulação estava a carta, agora papel, sendo o símbolo e o signo maior da troca entre pessoas, a troca e os significados, valores que cada um dava, mediados por um cartão, carta, papel. É possível se pensar na significância desse gesto para a elaboração de um corpo que negocia, barganha, permuta valores, trocas de poderes entre si. A paga e o pagamento pelos feitos,

em um tempo tão antigo, quando iniciados pelo homem, indicam, talvez, o fim do princípio coletivo. A passagem de valores de troca para um sistema de moedas pesou grandes feitos ao mesmo tempo que dizimou culturas e povos.

Passando a acirrar o controle que a “defesa da honra” dignificou em dado momento histórico, ainda que esta história não tenha sido a brasileira, mimetizados em roupas europeias e dizimados de outras composições, seguimos travestidos de uma troca, um *toma lá e dá cá*, até mesmo de um *olho por olho, dente por dente*. Assim também se fazia esse jogo de cartas. Mesmo que composto de uma espécie de contrato inicial, o exercício do pagamento em moeda, depois em papel, fazia do ato de ler o outro uma espécie de exercício de memória, em que qualidades, trejeitos, histórias serão vinculadas e veiculadas ao passar de mãos em mãos os papéis. Papéis de valores sociais e de valores pessoais.

No substrato desses símbolos estão as passagens de valores que, no papel que se faz de tinta e imagem,

tanto pelas notas e valores, quanto pelas imagens e símbolos. Se montam qualidades, lendas e histórias que serão passadas, e foram de certa forma, por gerações. Assim como os feitos traduzidos pelo que conhecemos com o Ifá de hoje que comporta os saberes entre lendas e histórias de muitas eras na tradição Yorubá, por exemplo.

Antes que ela dissesse o que vira pelo olhar dele em composição com as cartas, resolveu virar a nova tirada. Aquela que esclareceria a questão, que ordenaria o pensamento. Foi então que retirou a Sacerdotisa. Silenciou a mente, e seu pensamento a colocou dentro da cena do jogo. Como se fora ela a peça faltante. Mas, já habituada a encontrar em si sentidos que pudessem a colocar no lugar da questão do que aquelas cartas revelariam, ela se pôs a falar.

Recitou um linguajar de nobre, digno de quem, como a mulher da carta representava, valia o escrito. E escrito para aqueles que leem muito, desde papéis até valores, significou para ela que aquelas dores vinham não de um não-parto, mas de um saber

velado, não revelado. Saber esse que ela, aquela mulher da carta que poderia ser uma pessoa ou simplesmente algo que fora o escrito, mesmo que ainda escuso, assim como regras infundáveis de contratos que assinamos mesmo sem ler. Ele arregalou os olhos, como se tivesse realmente percebido que algo, como um toque, que deram aquelas palavras nele.

Sobre algum mistério também falava aquela imagem da sacerdotisa, um véu encobria-lhe parte da visão, não permitindo que ela visse os que estariam a seu lado, tanto para o bem quanto para o mal. Considerando ter o jogo como ponto de discussão ao julgamento, e como atores as figuras do imperador discutia-se a autoridade, assim como a elaboração, criação ou manipulação pelo alquimista, justiça entra em jogo quando se faz um julgamento, mesmo que o veredicto não seja justo. A discussão da justiça em uma era totalmente escrita, torna o véu da mulher não aquele que inviabiliza a sua visão, mas sim as suas parcerias ou o seu entorno.

O grave dessa história de sopros de vida não foi o momento do jogo, o entregar voz às cartas, mas sim, será a cartada final.

A ela, a leitora, também não era dada ao conhecimento, era tida apenas como esfinge, dotada de poderes sobrenaturais que a faziam perceber coisas... Mistério que qualquer pesquisador mais atento aos ciclos responderia, principalmente se o conhecimento sobre as químicas passasse de letras à tabela periódica e fossem amparar significâncias dos componentes do corpo, das respostas em estímulos, ou de perceber a presença de ler o outro tendo uma carta como partilha e caminho.

Vinha com essa tradição, de ler ao outro, certa que se munira de conhecimentos que estavam em contínua mudança, até que tudo mudou.

Durante dias até aquele momento, apesar da impossibilidade, apesar das informações de credibilidade de pessoas, deu para gestar sonhos dos outros. Grávida de desejos. E eram tantos os que a procuravam, que sua barriga se enchia de cores, e

afetos circulavam no interno dela. Depois ela regurgitava cada uma das possibilidades que em forma de imagens vinham como sonhos, repletos de significados não apreendidos.

Até que um dia começou a trocar as vontades e guiando um a conseguir o que era o desejo do outro, explicava o caminho da realização deste, mas era o anseio de outro que ela orientava.

Foi aí que ficou a observar a imagem do arcano do alquimista, para ver se ali alcançava algo que no estático da imagem provocasse movimento interno. Nas leituras era possível fazer crescer na vida para quem a consultava, sabia disso e fazia-o com facilidade, às vezes.

Também ela praticava um veredicto julgando a pergunta do outro merecedora de uma grandiosidade, também media a verdade do outros em seu julgamento. Mas aquelas cartas, estavam claramente atestando que a sacerdotisa era ela, a própria.

A falta de domínio que tinha sobre o seu corpo e sobre as condições que faziam a saúde ser maior do que a possibilidade de doença a mantinha uma completa ignorante dos trâmites que não fossem significativos mistérios aos olhos e ouvidos dos senso-comuns.

Como representante de uma espécie de sacerdócio, ela estava sempre fora dos aspectos que a fariam parte da normalidade, apesar de viver nela, conhecer as minúcias de atos, as ligações entre poderes, valores entre causa, e brincar de articular essas compreensões nas diversidades dos jogos em que punha cartas na mesa. Mas o fato de articular compreensões de ligações a fazia além de uma espécie de alquimista social. O seu meio consistia em possibilitar diferentes visões para serem tecidas ações diversas que fizessem andar formando um outro desenho da situação naturalizada de gangorra, em que um tem que perder para que outro possa ganhar. Por mais cética que fosse em relação a tudo mais que significava poder e dinheiro, insistia na fé pela mudança como possibilidade de reescritura de

um mundo. E isso a aproximava da carta que indicava um grande conhecimento sobre aquela outra fé, diferente da religiosidade do poder em que muitos que iam ali criam.

Falou frases soltas, como se ele pudesse ler nas cartas o que ela falava de si.

—O sacerdote interpreta, a mulher é o oráculo, o tempo é ela.

Ele, em silêncio, olhava a imagem da carta e tentava se encaixar nessas definições.

—Mulher vidente, não porque conhece o futuro, mas porque é o futuro.

Ele franziu o cenho, como se percebesse ali que a fala dizia respeito a ela.

— Fada prevê e prova, enquanto que a bruxa corta o destino.

Ali ele se confundira. Será que era para ser um diálogo? Nesse momento ele se perguntava o que seria um diálogo, e reconhecia nele algumas características saudosas de uma mulher que o criara,

de outra mulher que ele amou. Cada frase dela despertava dentro dele outra imagem. Rostos soltos por entre as imagens das cartas na mesa circulavam entre memórias e o real à sua frente.

-Escrever tem sido sinônimo de libertação, uma fala sem escuta é uma verdade mantida a corrente de silenciamento presente nos dias de hoje. Possibilidade remota de ser ligamento de algum pensamento reflexivo. Garante-me o alívio à escrita. A possibilidade de ouvidos atentos que querem escutar ao que falo é o que me tem estimulado. Menor esse estímulo do que o espaço mesmo que interno ao que está acumulado no externo.

Abrir compotas fechadas e procurar unguentos para uma transformação em penas coloridas, asas, folhas e flores para compor o que está dentro, criar usando o cajado do bastão do imperador, desenhar uma segunda pele de frutos desprendidos da natureza. Tornar-se bicho, tornar-se gente. Era como se as palavras dela fossem trazendo transmutações para ele, que não eram de fora, como adornos, eram

memórias de um respeito, algo difícil de explicar e que ele mesmo não saberia dizer.

Era como cavalo, apesar de na matéria ter aspectos de cavalo marinho, era assim que ao terminar cada sessão, ela acendia um incenso e dançava uma música nunca tocada, embalada pelos sons silenciosos da mente de cada um dos que passavam por ela. É claro, somente aqueles em que ela percebia alguma verdade para além da vaidade.

Ele então desatou a falar sobre o que lhe afligia e, enquanto falava, ela apontava na materialidade das cartas as significâncias que as diziam. Como se fora um vômito de palavras presas, algumas cheias de conceitos, equivocados preceitos e normas que não faziam mais sentido. Foi apontando um a um que ela, assim esfinge, seguia apontando jeitos e trejeitos de cada um dos arcanos. Significando o que era significável a ele. Não nomeando, mas misturando imagens no balaio entre presentes e passados, foi reconstruindo um querer de futuro, uma possibilidade de mudança.

Quando um dia lhe perguntaram o que era ser, a resposta foi:

— O enigma da minha resposta depende da pesquisa do consulente, que como discípulo atua neste momento em desvendamento da conversa. Pois é por meio dela que se engendra a linguagem que irá decifrar naquele momento a sua questão, juntando as suas pessoais histórias com o arcabouço de memórias que guardamos como humanidade, e insisto em reconhecê-las em um traço do seu rosto, um olhar ou às vezes em uma carta que traz clareza. Como o alquimista, ainda bem que ele se tornou arquétipo. (30/01/23)